

O espírito interdisciplinar¹

Hilton Jupiassu²

O grande desafio lançado à educação neste início de século é a contradição entre, de um lado, os problemas cada vez mais globais, interdependentes e planetários, e do outro, a persistência de um modo de conhecimento que privilegia os saberes fragmentados, parcelados e compartimentados. Por isso, há urgência de uma reforma da educação, de valorizarmos os conhecimentos interdisciplinares ou, pelo menos, promovermos o desenvolvimento no ensino e na pesquisa de um espírito ou mentalidade propriamente transdisciplinar.

Creio que pode ser aplicado à educação o que dizia Péguy quanto à poesia: "quando a poesia está em crise, a solução não consiste em decapitar os poetas, mas em renovar as fontes de inspiração".

O que podemos fazer quando tomar consciência de nossos conhecimentos atuais revela uma tremenda incapacidade de pensar o mundo globalmente e em suas partes? O que devemos fazer quando constatamos que nosso pensamento está preso às cegueiras e miopias que caracterizam nossas universidades divididas em departamentos sem comunicação?

Já no século XVII, Pascal dava-nos uma orientação: "considero impossível conhecer as partes se não conheço o todo e se não conheço particularmente as partes". Queria dizer que se quisermos dominar um objeto, não podemos confiar no conhecimento fragmentado nem na apreensão holística, porque o conhecimento deve efetuar não só um movimento dialético entre o nível local e o global, mas de retroação do global para o particular. Ao mesmo tempo que precisamos contextualizar o singular, devemos concretizar o global, relacionando-o com suas partes.

Hoje, há um interesse crescente pela interdisciplinaridade, e por diversas razões. A mais importante está vinculada à análise pedagógica e à redefinição de uma política educacional. Paradoxalmente, nunca se recusou tanto e de boa-fé as exigências interdisciplinares.

Muita gente toma consciência de que os objetos de pesquisa são tão complexos que só podem ser tratados por uma abordagem interdisciplinar. Não basta mais o simples encontro ou justaposição das disciplinas. É imprescindível eliminar as fronteiras entre as problemáticas e os modos de expressão para que se instaure uma comunicação fecunda. Vem se tornando preocupante o lamentável estado de esfacelamento do saber. Por toda parte surge a exigência de se instaurar, pelo menos, um diálogo ecumênico entre as disciplinas, porque ninguém mais parece entender ninguém. No entanto, essa exigência apenas revela a situação patológica em que se encontra nosso saber. A especialização sem limites culminou numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico. Chegamos a um ponto em que o especialista se reduziu ao indivíduo que, à custa de saber cada vez mais sobre cada vez menos, terminou por saber tudo (ou quase tudo) sobre o nada, em reação ao generalista que sabe quase nada sobre tudo.

Ora, um saber em migalhas revela uma inteligência esfacelada. O desenvolvimento da especialização, com todos os seus inegáveis méritos, dividiu o território do saber. Cada especialista ocupou, como proprietário privado, seu minifúndio de saber onde passou a exercer, de modo ciumento e autoritário, seu minipoder.

¹ Palestra proferida em 20-4-2006 para alunos das disciplinas teoria crítica e teoria das organizações na Ebape.

² Doutor Universidade Sciences Sociales Grenoble. Professor do IFCS/ UFRJ. Endereço: IFCS/UFRJ - Largo de São Francisco de Paula - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20051-070. E-mail: jupiassu@domain.com.br.

Ao destruir a cegueira do especialista, o conhecimento interdisciplinar recusa o caráter territorial do poder pelo saber. Substitui a concepção do poder mesquinho e ciumento do especialista pela concepção de um poder partilhado. O espírito interdisciplinar pressupõe que reconheçamos que "o coração tem razões que a razão desconhece", porque possuímos qualidades de coração, entusiasmo e maravilhamento que representam as raízes da inteligência. Além disso, devemos renunciar, se não ao desejo de dominação pelo saber, pelo menos, à manipulação totalitária do discurso da disciplina. Não podemos dialogar com quem erige em absoluto a causa ou a verdade que defende.

Geralmente, o especialista tenta impor a causa de sua especialidade como se fosse a resposta a todo por quê, ou a identificar seu discurso com a origem de tudo. Esse instinto teológico é muito celebrado nas capelas da ciência: colóquios, simpósios, congressos ou confrarias patenteadas (quermesses com vaidades intelectuais). De modo geral, repete-se que o futuro pertence às pesquisas interdisciplinares, e, de fato, é muito difícil organizá-las, por causa de ignorâncias recíprocas, por vezes, sistemáticas. Em nosso sistema escolar, encontram-se ainda relegadas ao ostracismo, e os arraigados preconceitos positivistas cultivam uma epistemologia da dissociação do saber. Sob esse aspeto, ensina-se um saber bastante alienado e em processo de cancerização galopante. Seus horizontes cognitivos são reduzidos em demasia. Ensina-se um saber fragmentado que constitui um fator de cegueira intelectual, pois as escolas estão mais preocupadas com a distribuição de suas fatias de saber, de uma razão intelectual a alunos que nem mesmo parecem ter fome.

Esse saber mais ou menos mofado, armazenado nessas "penitenciárias centrais" da cultura (as instituições de ensino), além de indigesto e nocivo à saúde espiritual, passa a ser propriedade de pequenos mandarinos dominados pelo espírito de concorrência e carreirismo. É por isso que o interdisciplinar provoca atitudes de medo e recusa; por ser uma inovação. Como todo "novo", incomoda porque questiona o já adquirido, o já instituído, fixado e aceito. Se não questionar, não é novo, mas novidade. O conservadorismo acadêmico tem pânico do novo que põe em questão as estruturas mentais, as representações coletivas estabelecidas, as idéias sobre o mundo, a educação e a boa ordem das coisas. No fundo, o que está em jogo é certa concepção do saber, o modo de conceber sua repartição e o processo de seu ensino.

Lamentamos que em nosso atual sistema educacional seja praticamente inexistente a prática interdisciplinar. O que existe são encontros multidisciplinares, frutos mais da imaginação criadora e combinatória de alguns que sabem manejar conceitos e métodos diversos do que algo propriamente instituído e institucionalizado. Mesmo assim, realizam-se como práticas de indivíduos abertos e curiosos, com o sentido da aventura, sem medo de errar; de indivíduos que não buscam nenhum porto seguro, mas se afirmam e se definem por um solene antiautoritarismo e um contundente antidogmatismo. Vejo no dogmatismo de um saber definitivo, acobertado pela etiqueta "objetivo" ou pelo rótulo "verdadeiro", o sintoma de uma ciência agônica. A esse respeito, faço minhas as palavras de F. Jacob:

Não é somente o interesse que leva os homens a se matarem. Também é o dogmatismo. Nada é tão perigoso quanto a certeza de ter razão. Nada causa tanta destruição quanto a obsessão de uma verdade considerada como absoluta. Todos os crimes da história são consequência de algum fanatismo. Todos os massacres foram realizados por virtude: em nome da religião "verdadeira", do racionalismo legítimo, da política idônea, da ideologia justa; em suma, em nome do combate contra a verdade do outro, do combate contra Satã.

O espírito interdisciplinar nos permite tomar consciência de que uma verdade acabada e dogmática impede o exercício cotidiano da liberdade de pensar. Corresponde a uma sociedade sem vida onde somos livres para fazer tudo, mas onde não há mais nada para se fazer. Somos livres para pensar, mas não há nada sobre o quê pensar. É infundável o processo de estabelecimento de uma verdade. Nesse domínio, a evidência só pode ser engano ou dogma; e a certeza, credulidade ou cegueira. Apoiar-se numa verdade como em um absoluto é exercer uma censura injustificável. É aceitar um superego opressor e castrador vendo em todo erro uma heresia e não uma força criadora, a condição *sine qua non* de uma verdade sempre provisória.

Toda verdade humana é feita de verdades verificadas. Uma verdade congelada torna-se uma anestesia intelectual. Seu efeito paralisante gera inúmeras doenças do espírito, inclusive, a paralisia adulta da inteligência. Ora, um saber que não se questiona torna-se um obstáculo ao avanço dos saberes. A pretensa maturidade intelectual, orgulho de tantos sistemas de ensino, constitui um obstáculo entre outros. A famosa cabeça bem-feita, bem-arrumada, bem-estruturada, bem organizada e objetiva não passa de uma cabeça mal feita, fechada, produto de escola, modelagem e manipulação. Trata-se de uma cabeça que precisa urgentemente ser refeita.

O espírito interdisciplinar ajuda a refazer essas cabeças bem-feitas (quer dizer, mal-feitas), pois cultiva o desejo do enriquecimento por enfoques novos e o gosto pela combinação das perspectivas. Ademais, alimenta a vontade de ultrapassar os caminhos batidos e os saberes adquiridos. Não nascemos com cabeças “desocupadas”, mas inacabadas. A escola e a sociedade pretendem ocupá-las pela instrução e pela linguagem, donde a necessidade de se psicanalisar os educadores, a fim de que possam ser agentes que despertem, provoquem, questionem e se questionem, e não se limitem ao papel de disciplinadores intelectuais, capatazes da inteligência ou revendedores de um saber mercadoria sem as técnicas do marketing. O professor que não cresce, não estuda, não se questiona e não pesquisa deveria ter a dignidade de aposentar-se, mesmo no início de carreira, pois já é portador de uma paralisia intelectual ou de uma esclerose precoce. Deveria também aposentar-se aquele que prefere as respostas às questões ou ensinar a pesquisar.

Ao questionar os conhecimentos adquiridos e os métodos aplicados, não só o interdisciplinar promove a união do ensino e da pesquisa, mas transforma as escolas, de um lugar de simples transmissão ou reprodução de um saber pré-fabricado num lugar onde se produz coletiva e criticamente um saber novo. Ao contrário do sistema clássico de ensino – que se instala num esplêndido isolamento e institui um saber pasteurizado, com um sistema hierárquico mais ou menos monárquico e autoritário –, o sistema interdisciplinar viria superar o corte escola/sociedade, escola/vida, saber/realidade. Sem falarmos da instauração de uma nova relação entre educadores e educandos.

No entanto, é ilusório pensar que uma lei ou um conjunto de medidas administrativas possa colocar um paradeiro a hábitos tão arraigados, a rotinas e estruturas mentais solidamente estabelecidas. Decorre daí a necessidade de se criar instituições dotadas de estruturas flexíveis, capazes de absorver conteúdos novos e integrar-se em função dos verdadeiros problemas, bem como adotar métodos fundados não em táticas e estratégias de distribuição dos conhecimentos acumulados, mas no exercício de aptidões intelectuais e de faculdades psicológicas voltadas para a busca do novo. Todavia, nada será feito de durável se não estiver fundado na adesão profunda e apaixonada de alguns e em experiências inovadoras desempenhando o papel de catalisadores e de núcleos de inovação. O interdisciplinar é um fator de transformação capaz de restituir vida às nossas mais ou menos esclerosadas instituições de ensino. Nesse sentido, mil obstáculos precisam ser ultrapassados:

- 1) a situação adquirida dos "mandarinatos" no ensino e na pesquisa (inclusive, na administração, onde os cargos são ocupados pelos mais medíocres);
- 2) o peso da rotina e a rigidez das estruturas mentais;
- 3) a inveja dos conformismos e conservadorismos em relação às idéias novas que seduzem (ódio fraterno);
- 4) o positivismo anacrônico que, preso a um ensino bastante dogmático, encontra-se à míngua de fundamentação teórica;
- 5) a mentalidade esclerosada de um aprendizado por acumulação ou entesouramento;
- 6) o enfeudamento das instituições ("departamentalização");
- 7) o carreirismo buscado sem competência; e
- 8) a ausência de crítica dos saberes adquiridos etc.

Todavia, o interdisciplinar não pode ser praticado sem o cumprimento de certas exigências. Por exemplo, a criação de uma “nova inteligência” e de uma “razão aberta” capazes de formar uma nova espécie de cientistas e educadores, utilizando uma nova pedagogia e ousando pensar de outra forma. Por isso, o candidato a ingressar nessa aventura deveria preencher (entre outros) os seguintes pré-requisitos:

- 1) ter a coragem de fazer a seguinte prece: "Fome nossa de cada dia nos dai hoje";
- 2) ter a coragem de devolver, à sua razão, sua função turbulenta e agressiva;
- 3) ter a coragem de, no domínio do pensamento, fazer da imprudência um método;
- 4) saber colocar questões (não só buscar respostas) e não ousar "pensar antes de estudar";
- 5) estar consciente de que ninguém se educa (como não cria) com idéias alheias;
- 6) ter a coragem de sempre fornecer à sua razão, razões (e motivos) para mudar;
- 7) não cultivar o gosto pelo “porto seguro” ou pela certeza do sistema, porque nosso conhecimento nasce da dúvida e se alimenta de incertezas;
- 8) não fazer concessões ao saber etc.

Numa época de conservadorismo como a nossa, precisamos ter a coragem de se opor a ela. Só um espírito conservador prefere repetir a ter que refletir.

Precisamos abandonar essa monotonia espiritual e fazer da razão uma realidade incompleta, jamais devendo se apoiar na tradição. É dessa maneira que se torna jovem e incisiva, passando a aceitar e viver o princípio segundo o qual "nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha".

Precisamos de pensadores que saibam sonhar e de sonhadores que saibam pensar, porque nosso conhecimento deve aparecer como a reforma de uma ilusão e uma retificação continuada.

Claro que navegar é preciso; e viver, muito mais preciso ainda. No entanto, se não navegarmos com uma bússola na mão e um sonho na cabeça, ficaremos condenados à rotina do sexo, da droga e do *credit card*. E o ideal de vida proposto à juventude (viciada em divertimento) passa a ser apresentado como o mais compulsivo consumismo perfumado de hedonismo. Por isso, estamos assistindo à instalação de uma insidiosa e intimidante violência fazendo imperar o mais generalizado conformismo.

Os projetos de autonomia individual sofrem um eclipse quase total; em grande parte, causado pela crescente onda de privatização, despolitização e "individualismo". Um grave sintoma concomitante é a total atrofia da imaginação política e o empobrecimento intelectual de nossas lideranças.

Cada vez mais, a liberdade funciona como simples complemento instrumental do dispositivo maximizador dos "gozos" individuais, o único valor exaltado, com o dinheiro conferindo poder ou notoriedade midiática. A sociedade atual adquiriu uma tremenda capacidade de abafar toda verdadeira divergência; seja silenciando-a, seja convertendo-a num fenômeno comercializado como os outros. As vozes discordantes e dissidentes são comercializadas; donde a importância de continuarmos pensando uma sociedade onde:

- 1) os valores econômicos não se imponham como centrais ou únicos;
- 2) a cultura não seja identificada com o mero entretenimento (com o que se vende), mas
- 3) com tudo o que ultrapassa o meramente funcional e o instrumental, humanizando nosso espírito e nossa consciência;
- 4) o crescimento máximo seja considerado um meio e não o fim das ações humanas;
- 5) e o intelectual possa afirmar-se e definir-se por sua liberdade em relação aos poderes, pela crítica das idéias recebidas e pela denúncia das alternativas simplistas.

Precisão conceitual

Disciplina

Como categoria organizacional do conhecimento científico é um ramo autodeterminado do saber, coincidindo com uma "ciência ensinada". É um conjunto específico de conhecimentos com características próprias no campo do ensino, da formação, dos métodos, dos mecanismos e dos materiais; numa palavra, monodisciplinar. No saber científico, institui a divisão e a especialização do trabalho, e suas fronteiras, sua linguagem e seus conceitos próprios tendem a isolá-la das demais disciplinas. Assim, o espírito monodisciplinar se converte num espírito de proprietário proibindo toda incursão estrangeira em seu território; quer dizer, em sua parcela de saber e poder. Antes de tudo, o conceito de "disciplina" evoca um recorte pedagógico, delimitando uma matéria a ser ensinada. No entanto, implica uma significação mais ampla que a de conteúdo pedagógico, uma disciplina que pode reagrupar várias matérias. Como unidade metodológica é a regra (disciplina) do saber comum a um conjunto de matérias reagrupadas para fins de ensino (*discere*).

Pesquisa interdisciplinar

É a que se realiza nas fronteiras e pontos de contato entre diversas ciências (por exemplo, entre psicanálise e sociologia, entre psiquiatria e psicologia) podendo ser obra tanto de um indivíduo quanto de uma equipe. Geralmente culmina na produção, por fusão, de uma nova disciplina interdisciplinar (a biofísica).

A pesquisa interdisciplinar não se contenta em promover a convergência e a complementaridade de várias disciplinas para atingir um objetivo comum. Busca utilizá-la para tentar obter uma síntese entre os métodos utilizados, as leis formuladas e as aplicações propostas. No limite, diria que implica uma renúncia, se não ao desejo de domínio pelo saber, pelo menos à manipulação totalitária do discurso da disciplina. É dessa forma que o saber se torna um fato humano e interrogador, expondo-se como uma figura provisória oriunda do trabalho histórico da interpretação, ao invés de congelar-se num esquema absoluto, resultando da conquista do espírito dogmático. Nesse sentido, a pesquisa interdisciplinar pode se revelar um poderoso antídoto à neurose e à anquilose que espreitam as instituições de ensino organizadas segundo um rígido modelo disciplinar ainda apegado a uma lógica analítica e à dissociação incapaz de enfrentar os fenômenos da complexidade.

Pesquisa multidisciplinar

É a praticada por uma equipe de pesquisadores que pertencem a ramos do saber ou a especialidades diferentes, relacionando os diversos aspectos que podem revestir a divisão do trabalho para estudar o objeto de uma disciplina. Trata-se de uma pesquisa que também pode ser interdisciplinar, ainda que nem toda pesquisa interdisciplinar seja multidisciplinar.

O risco da pesquisa individual é o de cair no autodidatismo. Numa sociedade em que a especialização se torna a regra, um dos melhores remédios para combatê-la é a cooperação dos especialistas no trabalho de equipe. Evidentemente que nem todo trabalho de equipe é, necessariamente, multi ou interdisciplinar. No entanto, um agrupamento multidisciplinar já constitui uma equipe, devendo (para funcionar) obedecer às regras do trabalho coletivo.

A cooperação permite descobertas que o pesquisador solitário (mesmo especializado na pesquisa interdisciplinar) dificilmente pode alcançar: a interfecundação dos saberes é indispensável. E não nos esqueçamos de duas coisas:

- 1) que cada vez mais as agências de fomento (governamentais ou privadas) destinam seus recursos às pesquisas organizadas, tendo em vista que a institucionalização da pesquisa científica acarreta quase automaticamente a formação de grupos de trabalho; e
- 2) que somente uma equipe possibilita a divisão do trabalho, com todas as vantagens que tal divisão comporta; a maior delas, a chamada "produtividade", pois a divisão do trabalho nos conduz quase necessariamente, num determinado momento, da equipe mono à multidisciplinar.

Pesquisa transdisciplinar

É a que se afirma no nível dos esquemas cognitivos. Pode atravessar as disciplinas e visa à criação de um campo de conhecimentos onde seja possível existir um novo paradigma ou um novo modo de coexistência e diálogo entre os filósofos e os cientistas, com os esquemas nocionais devendo circular da filosofia às ciências naturais e humanas, sem que haja nenhuma hierarquia entre esses diversos modos de problematização e experimentação.

As noções mais fundamentais implicadas nesse tipo de pesquisa são as de cooperação, articulação, objeto e projeto comuns. No dizer do físico Basarab Nicolescu (*Transdisciplinarité, Manifeste*, 1996), a pesquisa transdisciplinar – tendo como fonte a vontade de compreensão dos resultados mais gerais da ciência moderna – aparece como uma necessidade histórica de se promover uma reconciliação entre o sujeito e o objeto, entre o homem exterior e o interior, e uma tentativa de recomposição dos diferentes fragmentos do conhecimento. Diferentemente da pesquisa monodisciplinar, ela se interessa pela dinâmica gerada pela ação de vários níveis de realidade. Sem constituir uma nova disciplina, passa pelo conhecimento disciplinar e dele se alimenta. Este, por sua vez, é iluminado de modo novo e fecundo pelo conhecimento transdisciplinar fundado em três pilares: os níveis de realidade, a complexidade e a lógica do terceiro excluído (proposições contraditórias não podem ser simultaneamente verdadeiras).

Creio que esse novo paradigma a ser criado, tendo por objetivo utópico a compreensão do mundo presente” – embora reconhecendo a independência das disciplinas –, promove sua comunicação sem ter que recorrer a nenhuma forma de redução. Por exemplo, do biológico ao físico-químico ou do antropológico ao biológico; donde seu caráter enciclopédico, no sentido grego de *Enkyclios Paidéia*, pondo em ciclo (círculo) pedagógico todas as esferas do saber (disciplinas) até então incomunicáveis, mediante uma articulação teórica das atividades dos especialistas em torno da tentativa de resolução de um problema comum. Trata-se de um paradigma mais atento à legitimação epistemológica dos conhecimentos, permitindo produzir, ensinar e praticar. Define-se pela concepção de representações ricas dos contextos considerados, sobre os quais podemos raciocinar de modo ao mesmo tempo engenhoso e comunicável, com o objetivo de elaborar propostas para a ação, procurando lançar mão do principal instrumento de que dispõe o espírito para representar e raciocinar: a conjunção, a capacidade de religar, contextualizar e globalizar.

Observemos que uma estratégia transdisciplinar repousa, em larga medida, em certas alternativas da visão disciplinar. As disciplinas constituídas representam um certo recorte de nossos conhecimentos já solidamente enraizado na cultura e marcando profundamente nosso sistema educacional: a formação, as profissões e as instituições. Importa lembrar ainda que essa decupagem disciplinar ocupa uma parte reduzida da história da cultura ocidental. A proliferação das disciplinas é bastante recente. E as limitações dessa decupagem são notórias. Inúmeros são os problemas que não encontram mais lugar numa disciplina tomada isoladamente. Revelam-se como um novo recorte do saber.

A ecologia, a energia, a alimentação, a demografia, a comunicação internacional etc. são problemas que exigem que se percorra um caminho através de várias disciplinas; portanto, um espírito verdadeiramente “transdisciplinar”. Na ausência desse espírito, podemos nos contentar com aproximações multidisciplinares, por vezes, conduzindo a colaborações interdisciplinares (utilização, numa disciplina, de um resultado ou de um método fornecidos por outra).

A interdisciplinaridade desloca o centro em direção às fronteiras. Entretanto, só o transdisciplinar instaura uma visão globalizante: neutraliza a oposição centro/fronteira. Para se atingi-la, devemos proceder por etapas:

- 1) procurar um recorte do saber distinto do disciplinar: por problemas, por exemplo (hoje, uma imposição social);
- 2) buscá-la no interior da cultura – o recorte espontâneo de várias disciplinas conseguindo detectar um paradigma comum. Nesse caso, a universalidade desse paradigma leva a um recorte transversal das disciplinas; por conseguinte, a uma verdadeira hiperdisciplina. Exemplos desses paradigmas: a

simetria, o signo, a linguagem, a crise, o paradoxo, o modelo, o algoritmo, o sistema e a complexidade. A semiótica, a lingüística e a informática são disciplinas do signo, da linguagem, dos modelos matemáticos e, respectivamente, do pensamento algorítmico. Essas disciplinas possuem uma inegável universalidade: são hiperdisciplinas atravessando as outras e impondo novos recortes no saber. Outra importante hiperdisciplina seria a teoria geral dos sistemas: sua abordagem pretende ser universal.

Cadernos EBAPE.BR

Apêndice

Manifesto da transdisciplinaridade*

Considerando que a atual proliferação de disciplinas leva a um crescimento exponencial do saber, impossibilitando todo olhar global sobre o ser humano;

Considerando que só uma inteligência dando conta da dimensão planetária dos conflitos atuais poderá fazer face à complexidade do nosso mundo e ao desafio de autodestruição material e espiritual de nossa espécie;

Considerando que a vida está muito ameaçada por uma tecnociência triunfante que obedece apenas à lógica terrificante da eficácia;

Considerando que a ruptura entre um saber cada vez mais cumulativo e um ser interior empobrecido leva à escalada de um novo obscurantismo, com incalculáveis conseqüências nos planos individual e social;

Considerando que o crescimento exponencial dos saberes aumenta a desigualdade entre os que os possuem e os que deles estão desprovidos;

Considerando que todos os desafios enunciados têm uma contrapartida de esperança e que o crescimento dos saberes pode conduzir, a longo prazo, a uma mutação comparável à passagem dos hominídeos à espécie humana;

Considerando o que precede, os participantes do “Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade”, realizado no Convento da Arrábida, em Portugal (2 a 6-11-1994), adotam este manifesto, o qual expressa os princípios fundamentais da comunidade dos espíritos transdisciplinares.

Artigo 1: Toda tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de dissolvê-lo em estruturas formais é incompatível com a visão transdisciplinar.

Artigo 2: O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade é inerente à atitude transdisciplinar. Toda tentativa de reduzi-la a um único nível regido por uma única lógica não se situa no campo da transdisciplinaridade.

Artigo 3: A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar, faz emergir do confronto das disciplinas novos dados que as articulam entre si e nos fornece uma nova visão da natureza e da realidade. Não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas àquilo que as atravessa e ultrapassa.

Artigo 4: A pedra angular da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções “através” e “além” das disciplinas.

Artigo 5: A visão transdisciplinar é decididamente aberta, na medida em que ultrapassa o domínio das ciências exatas por seu diálogo e sua reconciliação, não só com as ciências humanas, mas com a filosofia, a arte, a literatura e a poesia.

Artigo 6: A transdisciplinaridade é multireferencial e multidimensional, não excluindo a existência de um horizonte trans-histórico.

Artigo 7: A transdisciplinaridade não constitui uma nova religião, uma nova filosofia, uma nova metafísica nem uma ciência das ciências.

*Tradução sintetizada da “Charte de la transdisciplinarité” (“Transdisciplinarité”, “Encyclopédie de L’Agora”) redigida por Basarab Nicolescu, Edgar Morin e Lima de Freitas.

Artigo 8: Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas como habitante da Terra é um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional dessa dupla pertença – a uma nação e à Terra – é um dos objetivos da pesquisa transdisciplinar.

Artigo 9: A transdisciplinaridade leva a uma atitude aberta em relação aos mitos e às religiões.

Artigo 10: Não existe mais um lugar privilegiado de onde possamos julgar as outras culturas. A *demarche* transdisciplinar é multicultural.

Artigo 11: A verdadeira educação não privilegia a abstração no conhecimento. Ensina a contextualizar, a concretizar e a globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

Artigo 12: A elaboração de uma economia transdisciplinar se fundamenta no postulado de que a economia deve estar a serviço do ser humano, não o contrário.

Artigo 13: A ética transdisciplinar recusa toda atitude de rejeição ao diálogo e à discussão, seja de origem ideológica, religiosa, política ou filosófica.

Artigo 14: Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor na argumentação, levando em conta todos os dados, é a proteção contra os desvios possíveis. A abertura comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito às idéias e verdades contrárias às nossas.

Cadernos EBAPE.BR